

MEMÓRIA HISTÓRICA /
HISTORICAL MEMORY

DISCURSO DE DOUTORADO *HONORIS CAUSA*, PROFERIDO PELO AGRACIADO, NA CERIMÔNIA REALIZADA NA FACULDADE DE DIREITO DA UFMG, EM BELO HORIZONTE, NA NOITE DE 17 DE OUTUBRO DE 2023*

SPEECH OF DOCTORATE HONORIS CAUSA, GIVEN BY THE AWARDED, AT THE CEREMONY CARRIED OUT AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF MINAS GERAIS, IN BELO HORIZONTE, AT THE NIGHT OF OCTOBER 17, 2023

EUGENIO RAÚL ZAFFARONI**

Sra. Magnífica Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, Sr. Vice-reitor, Srs. membros do Conselho Universitário, queridos colegas, professores, docentes, estudantes, Sr. Procurador-Geral de Justiça, autoridades, amigas, amigos todos.

É para mim uma imensa honra receber hoje este Doutorado *Honoris Causa*.

E ouvir as palavras, palavras que eu sei... Recebi muitos doutorados *Honoris Causa*. Este é o número 50. Mas ouvia o colega que fez o elogio. Bom, vocês tiveram e têm enormes penalistas. E eu sei, estou ciente de que estou virando um fenômeno biológico com os anos que se acumulam, não? Mas ainda estou vivo. Os neurônios continuam funcionando mais ou menos. Mas conheci Nelson Hungria. Conheci Heleno Cláudio Fragozo. Trabalhou comigo o grande Pierangelli. Desfruto da amizade de Nilo Batista, Jorge Tavares, Juarez Cirino dos Santos. E ouvir esses elogios... Bom, num país que não é órfão de penalistas, por sinal.

E também sou ciente de onde estou neste momento. Estou em Minas Gerais. Estou na terra da Inconfidência Mineira, como lembrava o colega.

Um dos primeiros gritos de liberdade da nossa América. Aqueles gritos das nossas prato-independências. No final do século XVIII, tivemos outros. As resistências no México. A Revolução de Tupac Amaru no altiplano peruboliviano. E a resistência dos comuneros na Colômbia.

* Transcrição da manifestação oral do homenageado (revisada)

** Foi Ministro da Suprema Corte Argentina de 2003 a 2014 e, desde 2015, é Juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Professor Emérito e Diretor do Departamento de Direito Penal e Criminologia na Universidade de Buenos Aires, é também Doutor *Honoris Causa*, entre outras, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pela Universidade Federal do Ceará e pela Universidade Católica de Brasília. É também Vice-Presidente da Associação Internacional de Direito Penal.

E olha que isso foi no final do século XVIII. E justamente a Inconfidência Mineira, em 1789. E, contudo, temos muito mais presente alguns fatos que aconteceram contemporaneamente, naqueles gritos de prato-independências, longe, a muitos quilômetros, milhões de quilômetros. E subestimamos estes. Lembramos a Revolução Norte-Americana? Lembramos a Revolução Francesa? Sim. A Carta de Virgínia? Muito boa. Mas num país que manteve a escravidão quase 100 anos mais.

E a Declaração dos Direitos do Homem, da Mulher, não sei, e do Cidadão? Ah, essa era para os franceses. Parece que aqueles do Haiti, aqueles que estavam no Caribe, não gostaram muito dela.

Na verdade, agora ouvimos na nossa colonialidade. Quando falo em colonialidade, estou falando do que o colonialismo faz do nosso cérebro. Como treinamos o colonialismo ainda nas universidades? E ouvimos a história dos direitos humanos. Ah, os direitos humanos, o conceito da pessoa humana, da dignidade da pessoa, começa ali no final do século XVIII, no Norte. Com essas declarações, com os ilustrados, os liberais que começaram a pensar nisso.

E o discurso continua, e depois essa civilização da modernidade do Norte vai descendo para o Sul. Mentira. Totalmente mentira. Mentira. A realidade foi que aquele discurso, por sinal, aportou alguns conceitos importantes, é verdade. Mas esse discurso foi para o Norte.

Esse Norte empoderado, graças aos 60 milhões de originários massacrados ou mortos pelas doenças aqui na América e os 20 milhões de africanos trazidos escravizados. Com isso, aquela Europa que estava num cantinho ali, nesse cantinho ilhado pelos islâmicos no Sul e no Oeste. Essa Europa empoderou-se com as matérias-primas, com os meios de pagamento que roubaram para nós.

E uma vez empoderada, empoderada essa burguesia, essa burguesia que surgiu nas cidades da Europa, graças à indústria que puderam fazer com o que roubaram a nós. Essa burguesia criou essa ideologia. Sim, sim, sim, esses iluministas pensaram, sim, é verdade, os liberais também. Mas pensaram em luta contra a nobreza. Numa luta que era do Norte. Não era nossa.

E para quê? Para empoderar a Europa. E essa Europa empoderada o que fez? Essa Europa empoderada, em 1885, quando já meus avôs tinham nascido, dividiu a África como uma pizza e começou o genocídio africano.

Essa Europa também praticou genocídio na Ásia, com a colonização da Índia. 20 milhões de mortos, de vítimas. A colonização da Oceania quase extingue a população original da Oceania. As guerras do Ópio na China. E poderia continuar com outras coisas.

Realmente a história dos direitos humanos é uma história que começa há 500 anos, quando alguém pensou na possibilidade de uma proteção jurídica mundial para qualquer pessoa, pelo fato de ser um ser humano. E ser pessoa

naturalmente por ser um ser humano. Isso foi pensado, sim, no começo do século XVI. Foi pensado por Frei Bartolomé de Las Casas e outros. Sim, naquele momento pensaram.

E por que pensaram nisso? Porque o mundo, o mundo que pode regular o Direito, o mundo de relações interpessoais, esse mundo só foi possível mundialmente, não estou falando no mundo no sentido do planeta. Não estou falando no mundo no sentido da existência só de seres humanos. Esse mundo só foi possível, as relações mundiais só foram possíveis quando Colombo chegou no Caribe e Vasco da Gama deu a volta pelo sul da África para chegar na Ásia, na Índia. Ali conheceram-se todos ou puderam ter a possibilidade de se conhecerem entre todos os seres humanos. E o mundo apresenta-se como um crime, como um crime mundial, que foi a colonização da nossa América.

Ali começa o mundo que pode regular o Direito. Bom, tudo bem, isso é história. Agora temos positivados os direitos humanos. Temos os tratados internacionais. Temos os tratados das Nações Unidas. Temos a Declaração Universal, 1948, Declaração Universal, todos lembramos, desde dezembro de 1948. Queridas amigas e amigos, uma Declaração Universal, como todos sabemos, no Direito Internacional, tem o valor de uma manifestação de boa vontade. Nada mais.

Sim, depois foi incorporada a Carta das Nações Unidas. Depois temos os pactos internacionais, direitos civis e políticos, direitos econômicos, sociais e culturais, mas demoraram 30 anos. 30 anos. E, sim, temos o sistema europeu, sistema interamericano, sistema africano, sim, demoraram muito mais. O europeu não foi o primeiro, mas os colonialistas, como a França, demoraram mais de 20 anos para reconhecer a Convenção de Roma. E por quê? Pelo colonialismo praticado na África, pelo colonialismo praticado com a Indochina, esse colonialismo que agora os africanos estão rejeitando. Estão rejeitando porque, hipocritamente, há 60 anos deram para eles a independência formal, mas ficaram com os bancos. E agora os africanos falam, um momentinho, isso assim não vai.

É uma história, é uma história complicada. Mas a Declaração Universal, sim, sim, tudo bem. E por que saiu a Declaração Universal? Talvez porque Madame Roosevelt, Monsieur René Cassin eram boas pessoas que leram nas últimas páginas dos livros dos ilustrados e decidiram, porque eram boas pessoas, fazer a declaração, projetar a declaração? Não, não. A declaração é emitida porque nos 30 anos, 30 anos de guerra com uma crueldade insólita na Europa, em dois momentos, 14 a 18, 39 a 45, nos últimos anos, uma das partes, decidiu fazer com os pobres em Melanina europeus o mesmo que eles tinham feito com os ricos em Melanina do Sul.

Então, um momentinho, para nós branquinhos não, um momentinho. E saiu tudo tão racional? Não, racional nada. Um dia antes do 10 de dezembro

de 1948, o 9 de dezembro de 1948, proclamou-se a Convenção Internacional contra o Genocídio. Tudo bem. Mas no final, na Convenção Internacional, sumiram as últimas palavras do projeto de Lenkin, que falavam do extermínio de grupos políticos ou semelhantes.

Sumiu, não está na Convenção. E por quê? Porque o senhor Stalin discordava. E o presidente dos Estados Unidos, que não era nenhum filósofo, por sinal, emitiu um discurso, onde falava que agradecia a Deus que o poder nuclear tinha chegado nas mãos deles e não do inimigo. Até ali, tudo bem. Mas acrescentava: vou pedir para Deus que ilumine, que nos ilumine no modo de usar o poder nuclear.

Eu não sei qual era o Deus desse senhor, Mas não falava que Deus impedia que voltássemos a usá-lo. Não. Que Deus ilumine-nos para como usá-lo, dizia ele. Então tínhamos um mundo onde os chamados socialistas reservavam-se o direito de massacrar grupos políticos ou semelhantes e os capitalistas rogavam a Deus para usar da melhor maneira possível o poder de destruição nuclear. Assim começa nosso mundo contemporâneo.

E essas coisas aconteciam quando eu estava na escola aprendendo as letras. Sim, é verdade.

Queridas amigas, amigos, eu sinto a necessidade que temos de revalorar as nossas histórias, os nossos gritos de liberdade prato-independentes. Temos de reagir a esse colonialismo mental que nos foi introduzido e voltar a pensar tudo, pensar o desde o sul. Num momento em que o mundo está mudando rapidamente, os direitos humanos estão no nível normativo, mas ao nível do ser, ao nível do ser temos sérios problemas. Temos uma realidade com uma concentração de riqueza na qual 1% da humanidade concentra riqueza equivalente ao que os 50% mais pobres necessitam para sobreviver ou para morrer com paciência. Essa é a realidade. Então, estamos numa região onde temos os mais altos coeficientes de problemas de higiene e de saúde do planeta, mais do que África. África é mais pobre, mas menos desigual do que nós. Estamos numa região onde boa parte dos nossos países registram os índices de homicídio mais altos do mundo. Temos de repensar o Direito.

Temos de limpar da colonialidade a nossa cabeça e repensar o Direito desde o sul. Não é tarefa fácil, porque estamos treinados para outra coisa. Somos vítimas de um longo treinamento na colonialidade.

Mas é chegado o momento em que temos de reagir num mundo, num poder que nem sequer pensa na possibilidade do suicídio de toda a humanidade. Continua destruindo o meio ambiente. Continua criando necessidades de repopulação no mundo. Continua preenchendo a culpa da nossa civilização ocidental, mediterrânea, de cadáveres, de colonizados. E também o norte da

nossa América. América Central, do México, do deserto de Califórnia. Eu sei que o caminho do dever-ser é um caminho difícil.

E essa distância do dever-ser ao ser é um dos problemas básicos da filosofia do Direito. Mas o caminho do dever-ser ao ser é o caminho da luta pelo Direito, sem dúvida.

Não é um sendeiro, uma vereda fácil para percorrer. Não. É luta. Bom, por causa disso, receber essa honra aqui em Minas Gerais, na terra da Inconfidência Mineira, é um compromisso para mim. A tradição milenária da universidade faz com que aquele que recebe a honra de um doutorado numa universidade comprometa-se a lutar pelos princípios e pelos valores dessa universidade. E, por causa disso, é para mim uma grande honra e fico imensamente, imensamente agradecido, imensamente obrigado pela confiança que vocês depositam em mim. Muito obrigado.

